



PRIMEIROS PASSOS

Conceito de *wilderness* aplicado aos latino-americanos do século XIX ao XX¹

Concept of wilderness applied to latin americans from the 19th to the 20th century

Taís Xavier Pereira (taisxavier2008@hotmail.com)

Graduada em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
professora do Ensino Básico do Estado de Mato Grosso do Sul.

Aline Vanessa Locastre (aline.locastre@uems.br)

Doutora em História, docente da graduação e pós-graduação (ProfHistória) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de *wilderness* aplicado aos latino-americanos durante os séculos XIX e XX, tomando como fonte principal o relato de Theodore Roosevelt (1858-1919), “*Through the Brazilian Wilderness*”, oriundo de sua expedição pelo Brasil, entre os anos de 1913-1914. Na primeira parte trataremos do contexto do século XIX, que traz um entendimento sobre os latino-americanos em uma associação ao conceito de *wilderness*; na segunda parte, abordaremos como este conceito está situado dentro da obra de Theodore Roosevelt. Em conclusão, serão apresentadas as marcas deste conceito pejorativo em pleno século XXI, trazendo também um contexto de resistência e luta para romper com estas estruturas conceituais.

62

Palavras-Chave: América Latina; Estereótipos; Relações Brasil e Estados Unidos; wilderness.

Abstract:

The aim of this paper is to analyze the concept of wilderness applied to Latin Americans during the 19th and 20th centuries, using as its main source the report by Theodore Roosevelt (1858-1919), “*Through the Brazilian Wilderness*”, from his expedition through Brazil between 1913 and 1914. In the first part, we will address the context of the 19th century, which provides an understanding of Latin Americans in association with the concept of wilderness; in the second part, we will address how this concept is situated within the work of Theodore Roosevelt. In conclusion, we will present the marks of this pejorative concept in the 21st century, also presenting a context of resistance and struggle to break with these conceptual structures.

Keywords: Latin America; Stereotypes; Brazil and United States relations; wilderness.

¹ Versão modificada do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), realizado por Taís Xavier em 2023 e orientado pela Profa. Dra. Aline Locastre.

Introdução

Se o domínio das fronteiras foi um dos fatores para a construção do ser americano, compartilhamos do pressuposto de que as relações estabelecidas com a América Latina e com latino-americanos durante a primeira metade do século XX, tenham também sido compreendidas a partir desta ideia. A região foi vista como um novo *wilderness* a ser dominado, especialmente quando empresários, religiosos, artistas ou membros do governo de *Washington*, deparavam-se com a realidade destes locais. Nessas incursões, estereótipos existentes há séculos vieram à tona e estimulavam novos programas para se estabelecer a civilidade na região.

Este trabalho tem como foco analisar o conceito de *wilderness*, atribuído pelos estadunidenses aos territórios latino-americanos, visando sua construção histórica a partir de uma breve exposição semântica do conceito. Tais observações se fundamentarão na obra de Theodore Roosevelt, *Through the Brazilian Wilderness* (1914), fruto de sua expedição pelo Brasil. Consideramos imprescindível pontuar as relações de tal obra com a conjuntura do século XIX e XX, sendo eles: imaginário estadunidense em relação ao destino manifesto e mito da fronteira, conceito de modernidade, darwinismo social que deflagrou na hierarquização social e racial e no colonialismo estadunidense em relação aos latinos americanos, permeado por debates conceituais na historiografia como demonstrado no livro *A invenção da Nossa América* (2023), de Carlos Altamirano.

A obra resultante da expedição que o ex-presidente dos Estados Unidos fez no Brasil entre os anos de 1913-1914, retomou entendimento sobre a Doutrina Monroe e apontará elementos sobre a influência do *Big Stick*² na política de Roosevelt. Nesta breve análise bibliográfica e documental, serão citados os interesses estadunidenses em território brasileiro como uma busca por confiança de seus vizinhos americanos, onde, juntamente a isso, revelará as relações entre os dois países, baseado na tutela estadunidense, que, de fato, mapeava e vigiava os locais, sendo este também um dos objetivos da expedição, seguindo em uma perspectiva de superioridade e interesses econômicos e políticos.

² Em novos arranjos de sua política externa, Theodore Roosevelt estabeleceu o Corolário Roosevelt, uma antítese à Doutrina Monroe que sugeria uma abordagem mais severa com os latino-americanos em caso de erros. Inaugurava-se o Big Stick, onde o presidente afirmava que os Estados Unidos falariam de maneira "suave", mas sempre com um "porrete na mão", fazendo referência a um antigo ditado africano.

Histórico conceitual *Latin American e wilderness*

O século XIX ficou conhecido como o da modernidade, com o desenvolvimento industrial (as locomotivas, bicicletas, energia elétrica, entre outras inovações), o enaltecimento das exposições universais, a expansão capitalista, o imperialismo, o nacionalismo, tudo isso perpassado pelo darwinismo social que configurava uma noção da hierarquização racial, colocando os brancos como superiores sobre as demais pessoas e sociedades, sendo assim uma ideia de eugenia, construída a partir disto um discurso racista, por parte da Europa e dos Estados Unidos e usada para legitimar atos invasões, massacres, genocídios, em nome do progresso ou da civilização (Bertonha, 2023, p. 54).

Alguns Estados Nacionais estavam em formação ou já haviam se formado há pouco tempo, como foi o caso dos Estados Unidos em 1776. Além disso, o setor industrial das grandes potências da época estava se expandindo, juntamente com o sistema capitalista, portanto o que se procurava era a busca de recursos e mercados consumidores ao redor do mundo, avançando fronteiras. Nesta dinâmica, os Estados Unidos pautaram-se na Doutrina Monroe (1823), cujo lema *América para os americanos* expressava um posicionamento contrário ao colonialismo europeu, opondo-se também a interferência em assuntos internos e à intervenção estadunidense em conflitos da Europa. Contudo, o objetivo da Doutrina tinha em seu cerne a tutela dos Estados Unidos sobre o restante do continente americano (Schoultz, 2000, p. 17-28).

A inferiorização de povos foi o pilar do chamado Destino Manifesto, que tinha como foco levar a missão civilizatória e de modernização aos povos ditos bárbaros, selvagens ou em um linguajar inglês, *wilderness*. Assim, a Marcha para o Oeste, concretizava a meta estadunidense de ampliar suas fronteiras, e as Américas Central e do Sul, posteriormente foram compreendidas como espaços de controle e hegemonia. Nessa busca por anexar territórios, tais intervenções e domínio político e econômico foram justificadas como um destino a ser trilhado, por um povo escolhido por deus, dinâmico e de energia excepcional (Junqueira, 2000, p. 78).

No século XIX, não somente de forma ideológica, ocorre também o preconceito linguístico atribuído por parte dos estadunidenses a respeito dos outros povos, onde se colocam em uma posição elevada linguisticamente, autodeclarando-se como Americanos³, em uma perspectiva de exclusividade. Segundo Sean Purdy (2022), em entrevista cedida para a

³ Ver: Quijano e Wallerstein (1992).

BBC News, que presidentes e outros governantes da república raramente se referiam ao país como América até o fim do século XIX. Após a Guerra Hispano-Americana, em 1898, contra a Espanha, quando os EUA conquistaram Cuba, Porto Rico e as Filipinas, presidentes como Theodore Roosevelt e todos desde então começaram a usar América como seu país. Isso reflete, portanto, como a linguagem é construída em contextos de poder e relações sociais (Purdy, 2022).

Purdy (2022) ainda afirma que a linguagem se dá em contextos de poder e relações sociais, podendo ser usada como ferramenta política para idealizar visões ou estereotipar as realidades plurais existentes. Portanto, é crucial analisar criticamente os termos empregados na manutenção da linguagem, como é o caso do *Latin American*. Descaracterizá-lo e entendê-lo também em suas conotações negativas pode revelar a alegada inferioridade latina, ainda tão presente na perspectiva dos Estados Unidos sobre seus vizinhos. (Feres Jr, 2005).

De maneira assimétrica, a palavra latino é colocada em uso. João Feres Jr. (2005) em sua obra *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*, buscou analisar as possíveis assimetrias para o conceito *Latin America*. O conceito contrapõe o *eu* americano ao outro americano, sob uma visão cultural. Também faz uma contraposição temporal ao vincular os americanos ao avanço e a América Latina ao retrocesso. Por fim, uma assimetria racial, quando os latinos são entendidos a partir de uma incompletude em relação ao americano enquanto ser humano acabado.

É crucial considerar que no processo de identificação nos Estados Unidos, a partir do uso linguístico, ocorre uma identidade hifenizada, não estando limitada aos *Anglo-Saxons*, mas considerando os diversos grupos que compõem a sociedade: *African Americans*, *Asian Americans* ou mesmo *Native Americans*. No entanto, para os latino-americanos, isso não acontece. Promove-se uma uniformização generalizada de populações e culturas, sem levar em conta as diferenças étnicas e culturais. Como afirma Feres, “um negro brasileiro é um *Latin American* tal como um índio guarani do Paraguai ou um argentino de descendência judaica” (Feres Jr, 2005, p. 13).

Do ponto de vista semântico, *Latin America*, carrega muitos estereótipos, ideias racistas e pejorativas, colocando suas populações como o *outro* inferior, sendo fortalecido principalmente no século XX. De acordo com o *Addition Series* do dicionário *Oxford English Dictionary*, as definições do termo por muito tempo estiveram associadas a fatores temperamentais, comportamentais e linguísticos (Feres Junior, 2005). De acordo com Feres Junior, o dicionário elenca algumas das características dos *Latin American*, "orgulhoso,

apaixonado, impetuoso, extravagante na aparência [...] e algumas vezes indiferente ou desrespeitoso” (Feres Junior, 2005, p.17). Mesmo que alguns adjetivos, de início, possam parecer transmitir sentidos positivos, na realidade, expressam negatividade, ligados intimamente a um olhar que os relega ao âmbito do irracional: orgulhoso, emocional, como se não houvesse um controle racional ou extravagante na aparência, denotando superficialidade.

É revelado de forma nítida o desprezo pelos *Latin American*, novamente ridicularizados e colocados como seres ruins, transmitindo a pior visão possível destas pessoas. Atrelado a este termo pejorativo, há um outro que se interliga historicamente, sendo muito usado e que também revela mais uma concepção racista dos estadunidenses sobre os *latinos: Wilderness*. Alinhado a uma ideologia de supremacia dos Estados Unidos em relação aos outros países americanos, na tradução de povos *selvagens*, perpetuada na visão estadunidense, dizimou muitas pessoas, povos nativos dentro desta perspectiva racista ou até mesmo eugênica. (Nash, 2001).

O pesquisador Roderick Nash (2001), um dos precursores da temática sobre *wilderness*. O autor ainda expôs em seu livro, *Wilderness and the American Mind*, o desenvolvimento da concepção que este termo passa a ter no decorrer dos tempos. Argumenta que nos primórdios, a ideia de *wilderness* enquanto região selvagem não fazia sentido, pois para os caçadores-coletores eles se viam fazendo parte desta natureza, em seu habitat natural. Isso se transformou com o surgimento do pastoreio, da agricultura e, posteriormente, com a colonização. O controle de plantas e animais, juntamente com o controle espacial, foram elementos cruciais para criar uma hierarquia de controle. Isso significa que o homem branco se via como proprietário, senhor da natureza, superior a ela. Assim, o conceito de civilização que se opunha ao *wilderness*, pois na visão eurocêntrica, este lugar representava o descontrole, o perigo, atribuindo a isto uma característica não unicamente geográfica, mas de caráter racista aplicado a serem humanos, colocando aqueles que não viviam em lugares cercados, muros ou continuavam sendo caçadores-coletores, tidos como selvagens. Assim, como afirma Nash:

Só para o homem branco a natureza era “Wilderness” e a terra “infestada de “animais selvagens” e pessoas “selvagens”. O “Velho Oeste” e a “Fronteira” eram produtos da mente dos pioneiros; o mesmo acontecia com a ideia de Wilderness. (Nash, 2001, p. 13)

A semântica do termo *wilderness* demonstra que a palavra, mesmo que seja um substantivo, pode ser atribuída como um adjetivo, onde juntamente com a terminação *ness*,

transmite a qualidade de um sentimento ou estado de espírito de uma pessoa. O inglês oriundo das línguas teutônicas e nórdicas, traz em *will* uma descrição de algo de vontade própria ou sem controle; depois de *willed* surge o adjetivo *wild* (selvagem), para representar a conduta humana de um ser perdido, desordenado e indisciplinado, estendido aos animais. O termo *deor* (animal) tirado do inglês antigo e prefixado a *wild*, significava criaturas não controladas pelo homem; o termo *wilderness*, passou por algumas derivações que foram feitas: *wildeor*, que contraído ficou *wilder*, passando para *wildern* e depois a *wilder-ness* e etimologicamente se tem *wild-deor-ness* (o lugar das feras selvagens) (Nash, 2001, p. 1-7).

Mesmo que com o passar do tempo *wilderness* tenha adquirido significados mais amplos, ele frequentemente se remeterá a uma dicotomia eurocêntrica entre civilização e a selvagem, o local do não-humano, de criaturas selvagens, se referindo, ao final aos habitantes daquele lugar. Do ponto de vista ocidental, os povos indígenas sempre foram rechaçados e seus territórios consequentemente também, especialmente na colonização do Novo Mundo que também estendeu aos africanos e aos territórios a ideia de incivilizados (Nash, 2001, 1-7).

A historiadora Mary Anne Junqueira (2000) reforça muito bem o conceito de *wilderness* ligado ao Mito da Fronteira onde o *frontier* se entende no imaginário norte-americano, como a linha divisória entre a civilização e o *wilderness*, sendo enaltecido o *frontiersman* [Homem de Fronteira] que domina e transforma o *wilderness*. Essa visão de fronteira seria a justificativa para massacres e dominação de povos nativos, como é visto neste trecho, “o pioneiro que dominasse o mundo selvagem do *wilderness* e os índios, seus habitantes naturais, era recompensado com o revigoramento da sua força física e fortalecimentos do seu caráter” (Junqueira, 2000, p. 72).

Este mito fronteiriço se perpetua no imaginário estadunidense e, como analisado, causam extremos impactos negativos. O historiador Richard Slotkin (1998) comenta, “O Mito da Fronteira [Myth of the Frontier] é possivelmente o mais longo dos mitos americanos, com origens no período colonial e uma presença contínua e poderosa na cultura contemporânea” (Slotkin, 1998, p. 15).

Wilderness na obra de Theodore Roosevelt

A chamada Doutrina Monroe, presente desde o século XIX, se estendeu também ao longo do século XX. O presidente estadunidense, James Monroe, por meio de seu anúncio ao Congresso em 1823, reforçava o fim da influência europeia em território americano. Entretanto, a frase proferida, *américa para os americanos*, seria, na prática, *américa para os*

norte-americanos, uma busca pela hegemonia sobre o restante do continente. Outro termo muito conhecido que reforça essa imposição dominante dos EUA, foi o do *Big Stick* (Grande Porrete), introduzido pelo então presidente norte-americano Theodore Roosevelt (1858-1919), para representar as ditas soluções diplomáticas em seu governo, representada pelo seguinte lema *Com fala macia e um grande porrete, você vai longe*, com isso, aliados também a já existente doutrina do Destino Manifesto de civilizar as pessoas, os outros países e locais americanos, ficaram sob tutela dos Estados Unidos, de forma obrigatória, pois eram considerados *wilderness* (Selvagens) sem civilização (Locastre, 2017; Fernandez, 2007; Morais, 2007).

O Brasil não escapou aos interesses políticos estadunidenses, pelo contrário, era alvo de exploração, domínio e vigilância política. Foi neste contexto que ocorreu a Expedição Roosevelt-Rondon em Mato Grosso em novembro de 1913 a maio de 1914 (Martins Junior, 2009). Roosevelt foi incentivado pelo John Augustine Zahm (Padre Zahm, 1951-1921), seu amigo, a explorar o interior da América do Sul em 1908. Posteriormente, manifestou esse interesse, e em conjunto com a comissão Rondon, integrou a comitiva com o intuito de mapear o Rio da Dúvida.

Desta forma se formou a expedição, com total influência e interesse dos Estados Unidos nesses mapeamentos, além das construções das linhas telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, feitas para ter um conhecimento mais aprofundado do território brasileiro e mantê-lo sob seu cuidado. Não é coincidência que mesmo antes de tudo ocorrer, parte da equipe de Roosevelt já havia estado em solo brasileiro e em outras regiões americanas:

O padre Zahm, que há pouco retornara de uma excursão aos Andes e à Amazônia [...] Theodore Roosevelt contatará o padre Zahm e o diretor de ornitologia do Museu de História Natural de Nova York, que colocou à sua disposição dois naturalistas velhos conhecedores das florestas tropicais da América [...] Além deles e do padre Zahm, comporiam a expedição o filho de Roosevelt, Kermit, engenheiro especializado na construção de pontes trabalhando no Brasil na época. (Martins Junior, 2009, p. 28-31).

A retórica dos Estados Unidos de Roosevelt era romantizada, com o intuito de legitimar a entrada nos outros territórios americanos, tidos como *wild* (selvagens). Essa era uma das metas principais da expedição, visando ganhar destaque diante das potências internacionais que há anos cobiçavam esta porção do continente americano (Martins Junior, 2009). Portanto, sob o olhar de legitimação, é exposto um nítido grau comparativo de

superioridade, como citado na fala dirigida ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1913:

Desejo ver aumentar o tráfego entre os Estados Unidos e todos os países sul-americanos: o essencial em tal intercurso é a capacidade de inspirar confiança. Portanto, de todos os pontos de vista, penso que os Estados Unidos devem agir escrupulosamente, de modo a inspirar confiança às repúblicas irmãs. É por isso que sinto especial orgulho nacional em havermos desocupado Cuba duas vezes e em termos intervindo em São Domingos puramente em benefício de São Domingos. Não há capítulo mais brilhante de nossa história do que o que registra esses feitos. Os Estados Unidos não desejam o território dos seus vizinhos: desejam sua confiança. (Roosevelt, 1913, p. 4.)

Nos relatos de Theodore Roosevelt, *Through the Brazilian Wilderness*, (1914), escrito para o Museu de História Natural de Nova York, há uma subjugação explícita de quem não é estadunidense. Isso é claramente evidenciado pelo título do livro, que utiliza o termo *wilderness* para se referir ao local onde a expedição aconteceu. Neste contexto, várias referências vão além do local geográfico, que é reduzido, ridicularizado e concentra-se na noção de vazio demográfico, não civilizado. O título foi traduzido com o título, *Nas selvas do Brasil* (2010), por Luís Guimarães Júnior. No entanto, é importante comparar as duas traduções para uma compreensão mais abrangente do trabalho, que, no geral, reúne muita informação ideológica e preconceituosa.

A palavra *Brazilian*, que significa brasileiro(a) sendo um substantivo, pode ser uma identificação regional ou de pessoas, em ambos os casos, no título aparece juntamente com *wilderness*, ou seja, associando seus habitantes ao selvagem. Isso somente é o início das amostras que se estendem nesse relato, por exemplo, quando se trata de um olhar negativo em uma aparência de desocupação, algo longe da civilização, que poderia desnortear quem não estivesse com bússola, (desvalorizando outras formas de orientação temporal). Além disso, segundo o autor, estar em um *wilderness* traria perigo ao ser humano, colocando os chamados desbravadores como heróis da selvageria existente. Tais características podem ser vistas também nos trechos abaixo:

O rio Sepotuba foi cientificamente explorado e incluído em cartas geográficas pelo Cel. Rondon, em 1908, quando chefiava a Comissão Telegráfica Brasileira no decurso de seu segundo ano de trabalho e desbravamento das selvas desconhecidas do noroeste de Mato Grosso. A maior parte desta região nunca fora pisada por um homem civilizado. [...] As regiões desbravadas pelo Cel. Rondon não foram ainda completamente dominadas, continuando a oferecer perigo à vida do homem (Roosevelt, 2010, p. 167).

Ou ainda:

Viajar em regiões como esta, com exiguidade de alimentos para homens e animais, é uma prova dura de suportar, principalmente para quem não conhece as selvas e está habituado apenas aos centros civilizados! (Roosevelt, 2010, p. 221).

Em um outro momento do texto, quando se estabeleceram em um novo acampamento, o ex-presidente dos Estados Unidos, neste trecho da descrição, enaltece o sistema de produção capitalista, fazendo referência às fábricas e ao colonialismo estadunidense, pautando seu argumento sobre o domínio do *wilderness*, visando o progresso como um fim:

Na verdade, tal região tão rica e fértil não deve ficar abandonada no meio das selvas, sem ser colonizada, enquanto uma multidão de indivíduos se aglutina nos países superpopulosos do Velho Mundo. Os próprios rápidos e cachoeiras, que no momento são o nosso maior e mais perigoso entrave, suprirão a energia necessária para a movimentação de fábricas e conveniente iluminação [...] Com o estabelecimento da colonização e em face dos passos avançados da ciência no domínio do combate e controle às moléstias tropicais, não haverá motivos de temor. Regiões como esta são perigosas para os primeiros exploradores e talvez mesmo para aqueles que o seguem imediatamente, mas não o serão para quem vier posteriormente. (Roosevelt, 2010, p. 301)

Outro trecho das anotações de Roosevelt sobre os excursionistas evidencia sua visão de que o Brasil seria um lugar difícil de adentrar, até mesmo desconfortável:

Para homens e mulheres que apreciam percorrer lugares de mais difícil acesso e que, portanto, não se incomodam com algum desconforto, podendo recrear-se e ainda tirar resultados práticos que interessem a terceiros, a América do Sul é um largo campo de ação (Roosevelt, 2010, p. 349).

No decorrer do texto, Roosevelt citou de forma estereotipada, mais uma vez, o seu olhar pelas pessoas da América do Sul, os *wilderness* (selvagens) e em especial os indígenas, que compunham juntamente o ambiente que, para os estadunidenses era o de selva, do perigo, da oposição civilizatória, transmitindo total desrespeito a cultura, organização social dessas pessoas que eram tidas como hostis, que precisavam ser dominados, assim como apresentado nos trechos abaixo, quando conheceram os indígenas Nhambiquaras:

Em ponto algum da África encontramos gente mais selvagem e primitiva do que esses índios, embora fossem mais joviais e de melhor conformação do que qualquer tribo africana na mesma fase de cultura [...] são todos, homens, mulheres, rapazes e mocinhas, tão ingênuos e ignorantes como animais domésticos (...) As raparigas mantinham as mãos dadas, dançando entre os homens, com a possível correção de atitude, sorrindo e fazendo trejeitos de tal maneira que parecia uma exibição civilizada (...) O rapazinho cantava melhor do que os outros. Era um estranho e interessante espetáculo aquela dança monótona e selvagem, sob o clarão da lua

tropical, tendo como cenário as águas murmuradas do rio e o coração das selvas! Os selvagens permaneceram conosco, comendo, dançando e cantando até a madrugada. De repente desapareceram silenciosamente na escuridão e não mais voltaram. De manhã ficamos sabendo que haviam levado um dos cães do Cel. Rondon. Provavelmente um deles não pôde resistir à tentação e os outros não tiveram coragem de interferir, ficando com medo de permanecer nas imediações (...) “Sua firmeza, bondade e discernimento conjugados tem-lhe facilitado dominar aqueles índios audazes e aguerridos e reduzir suas lutas com os parecis. (Roosevelt, 2010, p. 227 - 228).

Em outro trecho:

Os nhambiquaras constituem numerosas tribos, cobrindo uma vasta região, porém sem qualquer sistema de organização. Cada grupo de família age separadamente. Até uns seis anos atrás eram verdadeiramente hostis. (Roosevelt, 2010, p. 235)

De forma ridicularizada, são lidos e tratados como animais selvagens, sua humanidade não é valorizada, pois não são vistos como tais, mas como inferiores, estranhos, até mesmo ladrões, como foi relatado em um dos trechos acima.

Em sua exaltação aos EUA, fundamentada na Doutrina Monroe e no Big Stick, o ex-presidente Roosevelt proferia a frase *I took the Panama*, aludindo à influência dos Estados Unidos sobre este país e à gestão e construção do Canal do Panamá, que foi extremamente alinhado aos seus interesses militares, políticos e econômicos. Após essa expedição, Roosevelt proferiu a frase *I put the river on the map*, referindo-se ao Rio da Dúvida, que passou a ser conhecido como Rio Roosevelt e posteriormente Rio Theodore. (Fernandes 2007; Morais, 2007; Martins Junior, 2009).

Após a expedição, Franklin Roosevelt, primo de Theodore Roosevelt, assumiu a presidência dos EUA em 1933, implantando um novo modelo de governo que não estava mais ligado ao militarismo do Big Stick, mas baseado em uma aproximação diplomática. Essa política, motivada por interesses políticos, buscava conquistar a confiança e se aproximar dos países americanos para torná-los aliados em futuras disputas comerciais. Os Estados Unidos haviam acabado de sair de uma guerra mundial, portanto, desejavam assegurar o suporte de seus vizinhos (Locastre, 2017; Purdy, 2007).

Neste contexto de mudança política, o conceito *wilderness* foi eliminado dos documentos oficiais e discursos, porém, de modo não oficial ou de maneira indireta, isso ocorria no pensamento e práticas estadunidenses. Algo muito usado para veicular essas aproximações entre as Américas foram os meios de comunicação, sendo elas transmissoras de muitos estereótipos. Por exemplo, contra os brasileiros, no caso da criação do personagem da Disney o Zé Carioca (1942), que é um papagaio que exhibe características negativas, sendo ele

malandro, preguiçoso, entre outros adjetivos pejorativos, que mesmo sem o uso do termo *wilderness*, transmite todo seu significado conceitual (Locastre, 2017; Purdy, 2007).

Mesmo no século XIX, a ideia de *wilderness* ainda se faz presente, no racismo, na xenofobia, pela violência física ou verbal contra os latino-americanos; casos recentes expressam isso, como foi o caso de uma brasileira agredida verbal e fisicamente em 2023, vítima de xenofobia na cidade de Framingham/Massachusetts nos Estados Unidos. Filmes diversos, desenhos animados como o estadunidense *The Simpsons*, no episódio *Blame It on Lisa* (2002), ainda veiculam, abertamente, noções estereotipadas do Brasil e dos brasileiros, como um local de animais selvagens, pobreza, sensualidade exacerbada, loucura, roubos, sujeira, perigo, malandragem, entre outros. Discursos políticos, como o candidato a presidência dos Estados Unidos, Donald Trump (2017-2021), revelam que o preconceito contra o latino-americano não saiu de cena. É preciso dar muitos passos significativos para a desconstrução de um imaginário e de práticas xenofóbicas e racistas no continente americano.

Considerações finais

72

Expusemos o peso que os conceitos possuem e o quão prejudiciais podem ser, como exposto na ideia de *wilderness*. Esse pensamento de subjugação de povos e culturas como selvagens e inferiores não surgiu de repente. Esteve inicialmente vinculado a um pensamento eurocêntrico branco de superioridade racial e pseudocientífico, depois se tornou estruturantes de toda uma ideologia racista que se expandiu mundo afora, levada assim, pelos ingleses, inicialmente com as Treze Colônias (séculos XVII a XIX), enraizado ainda após sua independência, onde os Estados Unidos continuam a perpetuar esta hierarquia, por meios políticos, aliados aos seus interesses, que intencionalmente dizimou muitas populações e culturas.

A normalização de termos racistas e pejorativos, como o caso de *wilderness*, geram perigos extremos de violências e muitos são os casos atribuídos a isso ocorrendo ainda no século XIX, como citado na parte dois da pesquisa. Um exemplo a ser observado, está na minissérie lançada em setembro de 2021 que se intitula *O Hóspede Americano*, que narra a história da expedição Roosevelt-Rondon. Porém, algo que chama a atenção é a fala dos atores protagonistas que deram entrevista para o site Adoro Cinema. O ator Chico Diaz, que dá vida ao Marechal Rondon, comentou que, apesar de ser um caboclo e órfão, Rondon "atingiu o ápice da civilização" (Diaz; Quinn, 2021). Em outra parte da entrevista, o ator americano

Aidan Quinn, que interpreta Roosevelt, admite que, mesmo sendo um aventureiro, se retornar ao Brasil, talvez dispense a selva (Diaz; Quinn, 2021). Assim, o mito da fronteira e o conceito de *wilderness* ainda persistem totalmente na atualidade.

Mesmo que hoje em dia ainda ocorram ofensas racistas e xenofóbicas, aqueles que as praticam podem ser processados e detidos, já que existe uma legislação específica para sua penalização. Outra área crucial para combater esses estereótipos e conceitos negativos é a educação. Através de educadores dedicados ao ensino, eles têm criticado e denunciado tais práticas, formando uma consciência histórica e crítica do mundo.

Referências

ALTAMIRANO, Carlos. *A Invenção de Nossa América*. São Paulo: EDUSP, 2023.

BERTONHA, João. *Imperialismo*. São Paulo: Contexto, 2023.

DIAZ, Chico; QUINN, Aidan. O Hóspede Americano: Minissérie brasileira da HBO Max abriu estrada para gravar na selva. Entrevista cedida a Lucas Leone. *AdoroCinema*: 26 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-160673/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

73

FERES JUNIOR, João. *A História do Conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande*. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KARNAL, L; FERNANDES, L; MORAIS, M; PURDY, S. *História dos Estados Unidos: Das Origens ao Século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

LOCASTRE, Aline. *Seduções impressas: A Veiculação do Paradigma Estadunidense no Brasil em Tempo de Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: UFPR, 2017.

MARTINS JUNIOR, Carlos. Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Um Aspecto das Relações Brasil - EUA e da Consolidação do mito Rondon. *Albuquerque*: revista de História, Campo Grande, MS, v. 1, n. 1, p. 25-54, jan./jun. 2009. Disponível em: <[Vista do Expedição Científica Roosevelt – Rondon. Um aspecto das relações Brasil – EUA e da consolidação do mito Rondon \(ufms.br\)](http://Vista_do_Expedição_Científica_Roosevelt_-_Rondon._Um_aspecto_das_relacoes_Brasil_-_EUA_e_da_consolidacao_do_mito_Rondon_(ufms.br))>. Acesso em: 17 nov. 2023.

NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. 4th. Ed. New Haven: Yale University Press, 2001.

POSSANI, Caio. Brasileira é agredida por mulher nos Estados Unidos: “Volte para o seu país.” *Estadão*, São Paulo, 05, abril, 2023. Disponível em <[Brasileira é agredida por mulher nos Estados Unidos: ‘Volte para o seu país’ - Estadão \(estadao.com.br\)](https://www.estadao.com.br/brasil/brasileira-e-agredida-por-mulher-nos-estados-unidos-volte-para-o-seu-pais)>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PURDY, Sean. Americano, estadunidense ou norte-americano? As disputas sobre o uso do termo para nascidos nos EUA. Entrevista cedida a Vitor Tavares, *BBC News*, São Paulo, 31 julho 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-62245257>. Acesso em: 23 fev. 2025.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. Americanity as a Concept, or the Americas in the Modern World System. *International Journal of Social Sciences*, 134, 549-557, 1992.

ROOSEVELT, Theodore. *Through the Brazilian Wilderness*. New York: C. Scribner's Sons, 1914.

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Uma História da política norte-americana em relação a América Latina. Bauru: Edusc, 2000.

SLOTKIN, Richard. *The fatal environment: The myth of the frontier in the age of industrialization, 1800-1890*. Norman, Okla: University of Oklahoma Press, 1998.

TAVARES, Vitor. Americano, estadunidense ou norte-americano? As disputas sobre o uso do termo para nascidos nos EUA. *BBC News Brasil*, São Paulo, 31, jul, 2022. Disponível em: <[Americano, estadunidense ou norte-americano? As disputas sobre o uso do termo para nascidos nos EUA - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/portuguese/brasil/brasileira-e-agredida-por-mulher-nos-estados-unidos-volte-para-o-seu-pais)> Acesso em: 17 nov. 2023.

TOTA, Antonio. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2013.

Primeiros Passos
Recebido em: 03 nov. 2024.
Aprovado em: 05 dez. 2024.